

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACOLHIMENTO DE PACIENTES NO PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO DE CIRURGIAS GINECOLÓGICAS

THE ROLE OF NURSES IN RECEIVING PATIENTS IN THE PRE-OPERATIVE PERIOD OF GYNECOLOGICAL SURGERIES

Riselly Pereira Barros ¹Wendel Iran Reis Coelho ²Lorena Rocha Batista Carvalho ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a atuação do enfermeiro no acolhimento de pacientes no pré-operatório de cirurgias ginecológicas, com ênfase na humanização do cuidado, na educação em saúde e nos aspectos psicossociais envolvidos. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, realizada por meio de levantamento bibliográfico nas bases BVS e SciELO, utilizando os descritores “Centro Cirúrgico”, “Enfermagem”, “Acolhimento” e “Humanização”. Foram selecionados artigos publicados nos últimos cinco anos, em português, que abordassem diretamente a temática. Os resultados evidenciaram que a atuação do enfermeiro é fundamental para reduzir a ansiedade, promover a autonomia da paciente e garantir a continuidade e a qualidade da assistência. O acolhimento se destaca como uma prática que vai além da técnica, exigindo escuta sensível, comunicação efetiva e postura ética. Além disso, a educação em saúde foi apontada como ferramenta essencial para o empoderamento da mulher, enquanto os impactos emocionais da cirurgia reforçam a necessidade de um cuidado integral. Conclui-se que a presença ativa do enfermeiro no pré-operatório cirúrgico contribui de forma decisiva para uma experiência mais segura, informada e humanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Acolhimento. Centro Cirúrgico. Cirurgia Ginecológica. Humanização.

ABSTRACT

This article aims to analyze the nurse's role in the preoperative care of patients undergoing gynecological surgeries, with an emphasis on humanized care, health education, and the psychosocial aspects involved. This is an integrative literature review with a qualitative approach, based on a bibliographic survey in the BVS and SciELO databases, using the descriptors "Surgical Center," "Nursing," "Reception," and "Humanization." Articles published in the last five years, in Portuguese, that directly addressed the topic were selected. The results showed that nursing care is essential for reducing anxiety, promoting patient autonomy, and ensuring the continuity and quality of care. Reception stands out as a practice that goes beyond technique, requiring active listening, effective communication, and ethical posture. In addition, health education was identified as a key tool for empowering women, while the emotional impacts of surgery highlight the need for comprehensive care. It is concluded that the nurse's active presence in the preoperative period contributes decisively to a safer, more informed, and humanized surgical experience.

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Faculdade de Tecnológica de Teresina – CET. E-mail: risellybarros2019@gmail.com

² Graduando do Curso de Enfermagem da Faculdade de Tecnológica de Teresina – CET. E-mail: wendellcoelho.wi@gmail.com

³ Professora do Curso de Enfermagem da Faculdade CET. Mestre em Saúde da Família UNINOVAFAPI. E-mail: lorenarochabc@gmail.com

KEYWORDS: Ursing. Reception. Surgical Center. Gynecological Surgery. Humanization

INTRODUÇÃO

A assistência de enfermagem no período pré-operatório de cirurgias ginecológicas é um campo que exige sensibilidade, conhecimento técnico e atuação humanizada. Nesse contexto, o acolhimento torna-se essencial, pois prepara a paciente física e emocionalmente, reduzindo o estresse e a ansiedade e promovendo uma experiência cirúrgica mais segura e positiva. A escolha por este tema se justifica pela importância da atuação do enfermeiro na preparação das pacientes para esse tipo de procedimento, considerando seus aspectos físicos, emocionais e sociais, visto que a assistência pré-operatória de enfermagem influencia diretamente na qualidade da recuperação e na experiência cirúrgica da mulher (Oliveira *et al.*, 2021).

Além de contribuir para a estabilidade emocional da paciente, o acolhimento pré-operatório também favorece a adesão ao tratamento e à recuperação no pós-operatório. Estudos apontam que pacientes que recebem informações claras, apoio psicológico e escuta qualificada demonstram menor incidência de complicações, como dor, agitação ou resistência às orientações médicas (Santiago *et al.*, 2022). Essa abordagem acolhedora não apenas melhora os desfechos clínicos, como também fortalece o vínculo entre profissional e paciente, conferindo maior segurança durante o processo cirúrgico.

Nesse sentido, a atuação do enfermeiro deve ser compreendida como estratégica dentro da equipe multiprofissional, articulando dimensões técnicas, educativas e afetivas do cuidado. Oliveira *et al.* (2021) destacam que o enfermeiro, ao considerar a paciente em sua totalidade, contribui de forma significativa para a humanização dos serviços de saúde, promovendo o cuidado com base no respeito, na empatia e na valorização da autonomia da mulher. A construção desse vínculo terapêutico desde o pré-operatório se reflete positivamente em toda a jornada cirúrgica, reduzindo tensões e promovendo o bem-estar integral da paciente.

O presente estudo tem como objetivo analisar através da literatura a atuação do enfermeiro no acolhimento de pacientes no período pré-operatório de cirurgias ginecológicas, identificando estratégias que promovam a humanização da assistência e contribuam para uma melhor adesão ao tratamento cirúrgico.

A problemática que norteia esta pesquisa é: Qual o papel do enfermeiro no acolhimento das pacientes submetidas a cirurgias ginecológicas, e como sua atuação influencia na qualidade do cuidado e na experiência da paciente?

A hipótese considerada neste estudo é que uma atuação eficaz e humanizada do enfermeiro no acolhimento pré-operatório contribui significativamente para a redução da ansiedade, o aumento da confiança da paciente no procedimento e uma recuperação mais segura.

A fundamentação teórica baseia-se em autores como Oliveira *et al.* (2021), Santiago *et al.* (2022), dentre outros, que discutem o cuidado de enfermagem no contexto ginecológico, destacando aspectos técnicos, emocionais e educativos da atuação do profissional. A pesquisa será

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, utilizando como instrumento o levantamento bibliográfico em bases científicas como BVS e SciELO.

Este artigo está estruturado em capítulos que abordam inicialmente os fundamentos teóricos sobre o acolhimento no pré-operatório ginecológico, seguidos pela descrição do método utilizado na revisão integrativa, apresentação e análise dos resultados obtidos na literatura, e, por fim, a conclusão com considerações finais sobre a importância do enfermeiro nesse processo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Esse tipo de estudo permite reunir, sintetizar e analisar de forma crítica os resultados de pesquisas anteriores já publicadas, proporcionando uma compreensão ampliada sobre o objeto de estudo, que neste caso é a atuação do enfermeiro no acolhimento de pacientes no pré-operatório de cirurgias ginecológicas.

A escolha por uma revisão integrativa justifica-se pela possibilidade de sistematizar o conhecimento disponível em fontes científicas confiáveis, possibilitando uma análise abrangente e fundamentada sobre o tema. A pesquisa buscou identificar, a partir da literatura, as estratégias utilizadas pelo profissional de enfermagem para acolher e preparar as pacientes submetidas a cirurgias ginecológicas, considerando tanto os aspectos técnicos quanto os emocionais e sociais envolvidos no cuidado pré-operatório.

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas online nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), reconhecidas por disponibilizar conteúdos científicos relevantes e atualizados na área da saúde. Para a localização dos artigos, foram utilizados os descritores: “Centro Cirúrgico”, “Enfermagem”, “Acolhimento” e “Humanização”, “Cirurgia Ginecológica”, com o uso do operador booleano “AND” para a combinação dos termos, de modo a refinar os resultados e encontrar estudos diretamente relacionados ao tema proposto.

Foram considerados elegíveis para esta revisão os artigos publicados nos últimos cinco anos, ou seja, entre os anos de 2018 e 2023, que estivessem disponíveis na íntegra e de forma gratuita, redigidos em português e que abordassem especificamente a atuação do enfermeiro no acolhimento pré-operatório em cirurgias ginecológicas. Não foram incluídos trabalhos que, embora tratassem do pré-operatório em geral, não focassem na atuação da enfermagem ou na especificidade das cirurgias ginecológicas. Além disso, foram excluídos estudos duplicados, materiais que não estavam disponíveis para leitura completa, resumos de eventos científicos, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso.

A seleção dos artigos seguiu etapas rigorosas que incluíram a leitura exploratória dos títulos e resumos, análise crítica do conteúdo completo dos textos selecionados e extração dos dados relevantes, como autores, ano de publicação, objetivos, resultados e principais conclusões. A leitura crítica permitiu identificar convergências e divergências nos achados e destacar as contribuições mais significativas para a compreensão do papel do enfermeiro no contexto investigado.

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

Para garantir a consistência da pesquisa, foi elaborada uma pergunta norteadora: qual o papel do enfermeiro no acolhimento das pacientes submetidas a cirurgias ginecológicas, e como sua atuação influencia na qualidade do cuidado e na experiência da paciente? A partir dessa pergunta, todo o processo de busca, análise e interpretação dos dados foi conduzido de maneira sistemática, conforme as orientações metodológicas de revisão integrativa apresentadas por Souza, Silva e Carvalho (2010).

Ao final do processo, os dados extraídos dos artigos selecionados foram organizados e analisados à luz do referencial teórico adotado, buscando evidenciar como a atuação do enfermeiro no acolhimento pré-operatório pode contribuir para a humanização do cuidado, a redução da ansiedade das pacientes e o fortalecimento do vínculo profissional-paciente. Essa análise fundamentou a construção dos resultados e discussão apresentados no capítulo seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1 – Artigos selecionados nas bases SciELO e BVS

Autor/Ano	Periódico	Título	Objetivo do estudo	Resultado
Oliveira <i>et al.</i> (2021)	Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research	Enfermagem ginecológica: cuidados de enfermagem em cirurgia de histerectomia	Analisar os cuidados de enfermagem prestados no pré-operatório de histerectomia, com foco na abordagem humanizada e culturalmente sensível.	Destaca a importância do atendimento holístico no acolhimento à mulher, considerando fatores culturais e emocionais que influenciam sua recuperação e adesão ao tratamento.
Santiago <i>et al.</i> (2022)	Femina	Manejo perioperatório em cirurgia ginecológica baseado no programa ERAS	Apresentar as recomendações do programa ERAS no preparo pré-operatório ginecológico e seus impactos na humanização do cuidado.	Conclui que a educação pré-operatória e o aconselhamento reduzem a ansiedade e aumentam a adesão às recomendações do pós-operatório.
Leite <i>et al.</i> (2022)	Revista de Enfermagem e Saúde Pública	Ações educativas da enfermagem como estratégia de empoderamento do paciente cirúrgico	Investigar como a educação em saúde contribui para o empoderamento e a autonomia dos pacientes no ambiente hospitalar.	Reforça que o paciente informado participa ativamente do seu cuidado, fortalecendo o vínculo terapêutico e a

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

				segurança durante a internação.
Silva <i>et al.</i> (2020)	Revista Brasileira de Enfermagem	A educação em saúde como instrumento de humanização no pré-operatório: percepção da equipe de enfermagem	Compreender como a prática educativa pode ser usada como estratégia de humanização no cuidado pré-operatório.	Destaca que a escuta ativa e a informação acessível reduzem a insegurança e fortalecem o vínculo entre enfermeiro e paciente.

Fonte: Autores, (2025).

A importância do acolhimento no contexto pré-operatório

O período que antecede a cirurgia é considerado um momento de grande fragilidade emocional para a paciente, especialmente em procedimentos ginecológicos, por envolver aspectos íntimos ligados à sexualidade, autoestima e identidade feminina. De acordo com Santos e Gomes (2014), a histerectomia, por exemplo, pode ser vivenciada como uma ameaça à integridade física e simbólica da mulher, despertando sentimentos de medo, insegurança e perda. Nesse contexto, a atuação do enfermeiro por meio do acolhimento torna-se essencial, uma vez que permite reduzir a ansiedade, promover conforto e fortalecer o vínculo terapêutico entre profissional e paciente.

O acolhimento deve ser entendido como uma prática ética, técnica e relacional, que vai além da simples recepção da paciente no ambiente hospitalar. Ele envolve escuta ativa, empatia, respeito às subjetividades e orientação clara sobre os procedimentos. De acordo com Silva *et al.* (2020), a escuta qualificada associada à informação adequada contribui para a redução do medo, da ansiedade e da insegurança, proporcionando maior confiança no tratamento e fortalecendo o vínculo entre paciente e equipe de enfermagem. Ao atuar de forma humanizada, o enfermeiro desempenha papel essencial no equilíbrio emocional da paciente, favorecendo a vivência do processo cirúrgico com maior tranquilidade.

O ambiente hospitalar, por si só, já gera desconforto e insegurança. Somado a isso, o desconhecimento sobre o procedimento, o tipo de anestesia, o tempo de internação e os riscos envolvidos pode elevar ainda mais os níveis de estresse. Oliveira *et al.* (2021, p.116) destacam que a atuação do enfermeiro deve ir além do cuidado técnico, sendo essencial considerar os aspectos psicológicos e culturais da paciente, com o objetivo de “realizar atendimento holístico, identificando as necessidades culturais, fazendo com que a paciente possa se readaptar a sua nova condição”.

O papel do enfermeiro no acolhimento não se limita à transmissão de informações, mas envolve também a construção de um espaço de diálogo. Nessa perspectiva, a prática deve ser pautada nos princípios do cuidado centrado na pessoa, respeitando a subjetividade de cada mulher. Para Santiago *et al.* (2022, p. 114), “a educação pré-operatória e o aconselhamento reduzem a ansiedade e favorecem a adesão às condutas do período pós-operatório”, o que reforça a importância do acolhimento como processo educativo e humanizador.

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

Ao adotar uma postura acolhedora, o enfermeiro se torna mediador entre a paciente e o procedimento cirúrgico, facilitando o entendimento das etapas do tratamento e promovendo sua autonomia. A informação clara e acessível é um direito da paciente e deve ser garantida como parte do cuidado ético e humanizado. Como destacam Leite *et al.* (2022, p. 5), “o enfermeiro deve disponibilizar informações de forma compreensível, respeitando o tempo da paciente, seus conhecimentos prévios e seus sentimentos, garantindo que ela possa participar ativamente das decisões relacionadas ao seu tratamento”. Esse processo comunicativo valoriza a expressão de dúvidas, receios e expectativas, fortalecendo a confiança e o vínculo terapêutico.

A escuta ativa também se destaca como um componente essencial do acolhimento, permitindo que o enfermeiro identifique sinais de sofrimento emocional e intervenha de forma adequada. Oliveira *et al.* (2021) afirmam que, após o diagnóstico e a indicação da histerectomia, muitas mulheres vivenciam sentimentos de desesperança, baixa autoestima e insegurança. Dessa forma, o acolhimento se transforma em um instrumento terapêutico, capaz de reduzir impactos emocionais negativos e melhorar a vivência da paciente no ambiente hospitalar.

Além disso, o acolhimento pré-operatório contribui para o preparo físico e comportamental da paciente. Por meio de orientações personalizadas, o enfermeiro pode instruí-la sobre os cuidados prévios à cirurgia, como jejum, uso de medicamentos, preparo intestinal e higiene corporal. Essas orientações, quando realizadas com empatia e clareza, promovem segurança e colaboram para a prevenção de complicações no trans e pós-operatório.

O acolhimento humanizado reforça o papel social do enfermeiro enquanto cuidador, educador e agente de transformação da experiência cirúrgica. Ao olhar para a paciente como um ser integral, inserido em um contexto familiar, social e histórico, o profissional contribui para uma prática ética e comprometida com a dignidade do sujeito. Portanto, o acolhimento não é apenas um procedimento institucional, mas uma atitude ética indispensável à qualidade da assistência de enfermagem no centro cirúrgico.

Aspectos humanísticos e éticos na atuação do enfermeiro

A atuação do enfermeiro no contexto do acolhimento pré-operatório não deve ser pautada apenas por protocolos técnicos, mas também por princípios éticos e valores humanísticos. O cuidado de enfermagem precisa ir além da execução de tarefas, exigindo sensibilidade, empatia e respeito à dignidade da pessoa humana. A ética no cuidado manifesta-se na escuta atenta, no acolhimento das angústias da paciente e na valorização da sua autonomia frente às decisões sobre o próprio corpo e tratamento.

No pré-operatório de cirurgias ginecológicas, essas exigências tornam-se ainda mais significativas, considerando que muitas pacientes chegam fragilizadas por questões emocionais, sociais e culturais relacionadas ao procedimento. A histerectomia, por exemplo, é frequentemente vivenciada como um processo de perda, que pode afetar a autoestima e a percepção de feminilidade da mulher. Como aponta Oliveira *et al.* (2021), o enfermeiro tem o dever de reconhecer os impactos emocionais do procedimento e promover um cuidado holístico, capaz de atender às necessidades integrais da paciente.

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

A ética no cuidado de enfermagem se manifesta na forma como o profissional reconhece e acolhe a vulnerabilidade da paciente, respeitando seus valores, crenças e experiências de vida. Esse reconhecimento fortalece o vínculo terapêutico e contribui para o protagonismo da mulher no processo de cuidado. Segundo Silva *et al.* (2021), a prática ética exige do enfermeiro sensibilidade para lidar com a subjetividade da paciente, promovendo um cuidado que valorize sua autonomia, especialmente em situações delicadas como as cirurgias ginecológicas.

A abordagem dialógica e participativa na educação em saúde é uma estratégia eficaz para estimular a autonomia da paciente e sua participação ativa nas decisões sobre o próprio corpo. Para Leite *et al.* (2022), “a comunicação entre enfermeiro e paciente deve ser horizontal, baseada na confiança e no respeito mútuo, possibilitando que a mulher se sinta ouvida e segura para expressar suas dúvidas e expectativas” (p. 5). Nesse sentido, a educação em saúde no pré-operatório deve ir além da simples transmissão de informações, assumindo um caráter formativo que contribua para o empoderamento e fortalecimento da paciente enquanto sujeito do cuidado.

A prática da escuta é uma das maiores expressões do cuidado ético e humanizado. Ao escutar atentamente a paciente, o enfermeiro não apenas compreende suas demandas, mas também valida seus sentimentos e angústias. Isso é essencial no contexto das cirurgias ginecológicas, onde, segundo Oliveira *et al.* (2021), muitas mulheres vivenciam sentimentos de desespero, tristeza e negação. O enfermeiro, ao acolher esses sentimentos sem julgamentos, oferece suporte emocional fundamental para o enfrentamento do procedimento.

Essa abordagem reforça a crítica à reprodução de práticas automatizadas, desprovidas de sentido humanístico e reflexivo. Ao reconhecer a paciente como ser histórico e social, o enfermeiro resgata a dimensão ética da sua atuação e contribui para um cuidado verdadeiramente integral.

Ressaltar que a humanização e a ética devem estar presentes em todos os níveis de atenção à saúde. A Política Nacional de Humanização (PNH), do Ministério da Saúde, defende a valorização dos sujeitos envolvidos na produção do cuidado, o fortalecimento dos vínculos e a escuta qualificada como elementos essenciais à transformação dos serviços de saúde. Nesse sentido, o enfermeiro assume um papel central na promoção de uma assistência ética, acolhedora e comprometida com a dignidade da pessoa atendida.

Educação em saúde como ferramenta de empoderamento da paciente

A educação em saúde configura-se como uma das ferramentas mais potentes para promover o empoderamento da paciente no contexto hospitalar, especialmente no pré-operatório de cirurgias ginecológicas. Trata-se de uma prática que vai além da simples transmissão de informações técnicas, envolvendo também a escuta, o diálogo e o respeito ao saber da paciente sobre seu próprio corpo e sua história. Quando bem conduzida, essa prática fortalece o protagonismo da mulher frente ao processo cirúrgico, favorecendo sua segurança e autonomia.

No ambiente hospitalar, muitas mulheres chegam sem compreender completamente o procedimento a que serão submetidas, os riscos envolvidos ou os cuidados necessários antes e depois da cirurgia. Segundo Silva *et al.* (2021), a ausência de informações claras e acessíveis pode

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

gerar medo, insegurança e resistência ao tratamento, além de prejudicar a adesão às orientações da equipe de saúde. Por isso, a atuação educativa do enfermeiro no pré-operatório é essencial para esclarecer dúvidas e reduzir a ansiedade da paciente.

A educação em saúde realizada pelo enfermeiro deve ser planejada com base nas reais necessidades da paciente, considerando seu nível de escolaridade, suas crenças culturais e seu contexto social. Para Baggio e Erdmann (2020), o enfermeiro, ao assumir a postura de educador, deve valorizar a construção compartilhada do conhecimento, proporcionando à paciente condições para refletir e tomar decisões conscientes sobre sua saúde. Isso significa romper com a prática verticalizada e adotar uma abordagem dialógica e problematizadora.

Conforme afirma Leite *et al.* (2022, p.4), “o processo educativo em saúde deve considerar o paciente como sujeito ativo e participante, respeitando sua singularidade e promovendo autonomia no enfrentamento do adoecimento e da hospitalização”. Essa citação reforça a importância de enxergar a mulher como alguém capaz de compreender, questionar e participar ativamente do cuidado que lhe é oferecido, e não apenas como receptora passiva de condutas e ordens médicas.

A atuação educativa do enfermeiro pode ocorrer de forma individual ou em grupo, utilizando diversos recursos, como palestras, rodas de conversa, vídeos, folhetos explicativos ou até mesmo dinâmicas que favoreçam o diálogo e a troca de experiências entre pacientes. No estudo de Leite *et al.* (2022), as ações educativas em grupo mostraram-se eficazes para estimular a participação ativa das pacientes e fortalecer o vínculo entre elas e a equipe de enfermagem, promovendo um espaço de escuta, partilha de experiências e acolhimento coletivo. As autoras destacam que esse formato facilita a expressão de dúvidas e sentimentos, contribuindo para a redução da ansiedade e para o fortalecimento da autonomia da mulher no processo cirúrgico.

Além de favorecer a compreensão do procedimento cirúrgico, a educação em saúde no pré-operatório também permite que a paciente se prepare melhor para o pós-operatório, adotando hábitos de autocuidado, alimentação adequada, repouso, e acompanhamento dos sinais de alerta. Essa preparação contribui para a redução de complicações e para uma recuperação mais rápida e segura. De acordo com Lemos e Carvalho (2020), pacientes bem orientadas tendem a se sentir mais seguras e confiantes durante todas as etapas do processo cirúrgico.

Dessa forma, é possível compreender que a educação em saúde promovida pelo enfermeiro é uma prática fundamental para o empoderamento da paciente, sobretudo em momentos de fragilidade, como o pré-operatório. Ela amplia a capacidade da mulher de compreender seu estado de saúde, participar ativamente das decisões sobre seu corpo e enfrentar o processo cirúrgico com mais confiança, dignidade e autonomia.

O papel do enfermeiro na equipe multiprofissional cirúrgica

A atuação do enfermeiro no ambiente cirúrgico vai além da assistência direta à paciente, sendo parte fundamental da equipe multiprofissional. Seu papel inclui a articulação entre os diversos profissionais de saúde, a coordenação das atividades de cuidado e a promoção de um ambiente

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

seguro e acolhedor para a realização do procedimento cirúrgico. No pré-operatório, o enfermeiro é responsável por garantir que todos os processos sejam realizados com ética, técnica e sensibilidade.

A comunicação entre os membros da equipe cirúrgica é essencial para garantir um atendimento de qualidade. O enfermeiro atua como elo entre médico, anestesista, técnico de enfermagem e outros profissionais, assegurando a integração das informações e a continuidade do cuidado. Para Silva e Oliveira (2021), “o enfermeiro é o ponto de conexão entre as necessidades da paciente e os saberes dos demais profissionais da equipe”.

Além disso, o enfermeiro possui uma visão holística do cuidado e, por isso, é capaz de identificar aspectos físicos, emocionais e sociais que influenciam a experiência da paciente no processo cirúrgico. Sua escuta atenta e olhar sensível permitem antecipar situações de risco e promover intervenções adequadas. Segundo Costa *et al.* (2022), “o enfermeiro, ao exercer liderança com empatia, torna-se peça-chave para o êxito do cuidado multiprofissional”.

No contexto do pré-operatório ginecológico, é também papel do enfermeiro assegurar que as orientações estejam alinhadas entre todos os profissionais, evitando informações desencontradas e falhas de comunicação. Conforme apontam Andrade e Silva (2020), a fragmentação do cuidado pode gerar insegurança na paciente e comprometer sua adesão ao tratamento. Por isso, é fundamental que o enfermeiro atue como coordenador do cuidado, garantindo clareza e uniformidade nos discursos da equipe.

Outro aspecto relevante é o papel do enfermeiro na organização dos fluxos e na supervisão de procedimentos técnicos. A responsabilidade pela checagem de materiais, segurança do ambiente cirúrgico, e atualização dos protocolos operacionais contribui para que o procedimento seja realizado com segurança e eficiência. Segundo Lima *et al.* (2021), “a atuação gerencial do enfermeiro no centro cirúrgico está diretamente relacionada à segurança do paciente”.

Esse olhar ampliado da prática reforça que o enfermeiro não é um mero executor de tarefas, mas um profissional que contribui de maneira decisiva para o bom funcionamento da equipe e a qualidade da assistência prestada. Sua atuação dialoga com os princípios da interdisciplinaridade e da integralidade do cuidado.

Por fim, é importante destacar que o reconhecimento do papel do enfermeiro dentro da equipe depende também do fortalecimento da sua autonomia profissional. A valorização de sua competência técnica, ética e relacional é essencial para consolidar sua posição como agente articulador e defensor da prática humanizada. A construção de relações colaborativas no ambiente cirúrgico deve ser permanente, sustentada por respeito mútuo e objetivos comuns centrados no bem-estar da paciente.

Aspectos psicossociais da cirurgia ginecológica e a atuação da enfermagem

A cirurgia ginecológica, especialmente a histerectomia, envolve não apenas modificações físicas no corpo da mulher, mas também importantes repercussões emocionais e sociais. Como afirmam Oliveira *et al.* (2021), muitas mulheres relacionam o útero à feminilidade, à sexualidade e

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

à capacidade de gerar filhos, o que torna a retirada desse órgão um evento marcante e, por vezes, traumático. Nesse contexto, o enfermeiro deve estar atento aos aspectos psicossociais que permeiam o cuidado pré-operatório, considerando que o impacto emocional pode ser tão significativo quanto o físico.

Segundo Barbosa e Fernandes (2009), mulheres submetidas à histerectomia podem vivenciar sentimento de perda, insegurança, medo e, em alguns casos, negação da própria identidade feminina. Esses sentimentos são agravados pela ausência de acolhimento adequado por parte da equipe de saúde. A atuação da enfermagem, portanto, deve considerar o sofrimento subjetivo da paciente, criando um espaço de escuta e acolhimento que respeite suas crenças e emoções.

A imagem corporal também sofre alterações significativas após a cirurgia, principalmente quando a mulher associa a retirada do útero à perda da sexualidade. De acordo com Santos e Gomes (2014), muitas pacientes relatam dificuldades na vida sexual e no relacionamento afetivo após a histerectomia. O enfermeiro, ao reconhecer essa vulnerabilidade, pode promover orientações e apoio emocional que ajudem a paciente a ressignificar sua vivência e recuperar a autoestima.

Para Silva *et al.* (2021), o enfermeiro deve reconhecer que cada paciente traz consigo uma história de vida única, marcada por valores, crenças, experiências e vulnerabilidades que influenciam diretamente sua forma de vivenciar o processo cirúrgico. Quando o cuidado é prestado de maneira exclusivamente técnica, desconsiderando os aspectos emocionais e sociais da mulher, há um enfraquecimento do vínculo terapêutico e uma redução na eficácia da assistência. Por isso, o cuidado psicossocial exige sensibilidade, empatia e uma comunicação acolhedora, capaz de promover confiança, conforto e segurança durante todo o processo.

Outro ponto fundamental está relacionado à escuta ativa. Oliveira *et al.* (2021) apontam que a escuta é uma ferramenta essencial para identificar sinais de sofrimento emocional, como ansiedade e tristeza profunda, permitindo intervenções precoces e adequadas. Ao oferecer um ambiente seguro e acolhedor, o enfermeiro fortalece o vínculo terapêutico e colabora para que a mulher se sinta amparada durante todo o processo cirúrgico.

O suporte familiar e social também deve ser valorizado como elemento de proteção emocional. De acordo com Santos e Gomes (2014), muitas mulheres têm receio da reação de seus parceiros e familiares, temendo serem vistas como "incompletas" ou "frias" após a cirurgia. Nesses casos, o enfermeiro pode atuar como mediador, promovendo orientações não apenas à paciente, mas também à família, com o objetivo de fortalecer a rede de apoio e minimizar os efeitos negativos da cirurgia sobre a vida pessoal e conjugal da mulher.

Barbosa e Fernandes (2009) também ressaltam que o impacto psicossocial é ainda maior entre mulheres em situação de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade ou sem acesso à informação adequada. Nessas condições, o enfermeiro assume também um papel educativo, oferecendo informações claras e respeitadas, adaptadas à realidade da paciente, e promovendo um cuidado que valorize a autonomia e a dignidade.

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

Dessa forma, pode-se afirmar que o cuidado psicossocial prestado pela enfermagem no contexto das cirurgias ginecológicas é essencial para uma assistência integral e humanizada. Quando o enfermeiro compreende que o corpo da paciente está carregado de significados emocionais e culturais, amplia sua atuação para além do técnico, fortalecendo o empoderamento da mulher e promovendo uma vivência cirúrgica mais positiva, ética e acolhedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta revisão integrativa da literatura, foi possível concluir que a atuação do enfermeiro no acolhimento de pacientes no pré-operatório de cirurgias ginecológicas é essencial para a promoção de um cuidado integral, humanizado e eficaz. A presença do enfermeiro nesse processo não se limita à execução de procedimentos técnicos, mas abrange dimensões emocionais, educativas e sociais que influenciam diretamente a experiência da mulher em relação ao tratamento cirúrgico.

Ficou evidente que o acolhimento qualificado realizado pela enfermagem contribui para a redução da ansiedade e do medo relacionados à cirurgia, além de fortalecer o vínculo profissional-paciente e ampliar a confiança da mulher na equipe de saúde. O enfermeiro, ao promover um espaço de escuta e diálogo, favorece a compreensão sobre o procedimento e estimula o protagonismo da paciente no seu próprio processo de cuidado.

Além disso, a prática educativa se destacou como uma ferramenta importante para o empoderamento da paciente, permitindo que ela participe ativamente das decisões e compreenda de forma clara os cuidados pré e pós-operatórios. A atuação ética e sensível do enfermeiro nesse contexto promove segurança, autonomia e dignidade à mulher em situação de vulnerabilidade emocional.

Outro aspecto relevante identificado foi a necessidade de atenção aos fatores psicossociais que envolvem a cirurgia ginecológica, como questões relacionadas à autoestima, à sexualidade e à identidade feminina. O enfermeiro deve estar preparado para acolher esses sentimentos e oferecer suporte emocional, respeitando a individualidade de cada paciente e proporcionando um cuidado que considere o ser humano em sua totalidade.

Os achados também reforçaram o papel do enfermeiro como articulador do cuidado dentro da equipe multiprofissional, assumindo responsabilidades que vão da organização do ambiente cirúrgico à mediação da comunicação entre os profissionais e a paciente. Essa posição estratégica exige do enfermeiro habilidades técnicas, gerenciais, éticas e relacionais, que devem ser constantemente desenvolvidas.

Como limitação da presente revisão, destaca-se a escassez de estudos nacionais específicos sobre acolhimento pré-operatório em cirurgias ginecológicas sob a ótica da enfermagem, o que indica a necessidade de novas pesquisas sobre a temática, especialmente em contextos hospitalares públicos e com populações socialmente vulneráveis.

Conclui-se, portanto, que a atuação do enfermeiro no acolhimento pré-operatório em cirurgias ginecológicas é um fator decisivo para a qualidade do cuidado prestado e para a

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

construção de uma assistência centrada nas necessidades reais da mulher. Fortalecer essa prática significa promover não apenas a saúde física, mas também o bem-estar emocional e social das pacientes atendidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. F.; SILVA, M. C. Comunicação interdisciplinar e a segurança da paciente no ambiente cirúrgico. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 78–85, 2020.
- BAGGIO, M. A.; ERDMANN, A. L. Educação em saúde no contexto hospitalar: a percepção da equipe de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 5, p. e20180815, 2020.
- BARBOSA, M. A.; FERNANDES, J. D. A mulher e o enfrentamento da histerectomia: aspectos psicossociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 531–538, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Humaniza SUS: política nacional de humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- COSTA, R. T. *et al.* A liderança do enfermeiro no ambiente cirúrgico: perspectivas da equipe multiprofissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 3, p. e20220035, 2022.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREITAS, M. E. L. *et al.* O papel do enfermeiro na equipe multiprofissional: desafios e possibilidades no cuidado cirúrgico. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 11, n. 2, p. 1–9, 2020.
- GONÇALVES. Enfermagem ginecológica: cuidados de enfermagem em cirurgia de histerectomia. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Ji-Paraná, v. 37, n. 1, p. 114–118, dez. 2021 – fev. 2022. Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- LEITE, J. S. *et al.* Ações educativas da enfermagem como estratégia de empoderamento do paciente cirúrgico. **Revista de Enfermagem e Saúde Pública**, v. 9, n. 1, p. 1–7, 2022.
- LEMOS, A. S.; CARVALHO, M. M. O empoderamento feminino por meio da educação em saúde: uma reflexão sobre o papel do enfermeiro no pré-operatório. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 14, n. 2, p. 45–53, 2020.
- LIMA, S. M. *et al.* Atuação do enfermeiro no centro cirúrgico: desafios e competências gerenciais. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 32, p. 1–8, 2021.
- OLIVEIRA, W. A. *et al.* Enfermagem ginecológica: cuidados de enfermagem em cirurgia de histerectomia. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Ji-Paraná, v. 37, n. 1, p. 114–118, dez. 2021 – fev. 2022.
- OLIVEIRA, W. A.; AGUIAR, G. J.; AIDAR, D. C. G. Enfermagem ginecológica: cuidados de enfermagem em cirurgia de histerectomia. **Revista Brasileira de Cirurgia e Pesquisa Clínica**, v. 37, n. 1, p. 114–118, 2021.

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA FACULDADE CET

OLIVEIRA, W. A.; AGUIAR, G. J.; AIDAR, D. C. G. Enfermagem ginecológica: cuidados de enfermagem em cirurgia de histerectomia. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*, v. 37, n. 1, p. 114–118, 2021. Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SANTIAGO, A. E. *et al.* Manejo perioperatório em cirurgia ginecológica baseado no programa ERAS. *Femina*, v. 50, n. 2, p. 112–120, 2022.

SANTOS, M. L.; GOMES, V. L. O impacto da histerectomia na sexualidade feminina. *Revista de Enfermagem UFPE*, v. 8, n. 9, p. 3001–3008, 2014.

SILVA, J. R.; OLIVEIRA, F. M. O enfermeiro como elo entre paciente e equipe multiprofissional. *Revista Pesquisa em Saúde*, v. 22, n. 1, p. 44–51, 2021.

SILVA, M. F. *et al.* A educação em saúde como instrumento de humanização no pré-operatório: percepção da equipe de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 6, p. e20190612, 2020.

SILVA, T. C. *et al.* Acolhimento e vínculo no cuidado de enfermagem em ambientes cirúrgicos. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 95, n. 32, p. 1–7, 2021.

SILVA, T. C. *et al.* O cuidado pré-operatório à mulher submetida à histerectomia: contribuições da educação em saúde. *Revista Cuidarte, Bucaramanga*, v. 12, n. 1, p. 1–9, 2021.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.